

Memória da Antropologia na Paraíba: o legado de antropólogas e antropólogos

Maristela Oliveira de Andrade

Introdução

O convite da coordenação do PPGA para me integrar à mesa do evento “Jornada dos 70 anos da Primeira Reunião Brasileira de Antropologia (1953-2023): Reflexões a partir da antropologia na Paraíba”, promovido pela ABA/PPGA-UFPB ocorrido em dezembro de 2023 na UFPB (João Pessoa), foi para mim uma grande honra e alegria. Pude compartilhar a mesa com duas antropólogas por quem tenho grande admiração, Bela Feldman, consultora atenta e gentil de nosso PPGA, e Andrea Zhouri, atual diretora da ABA (cujos valiosos estudos convergem para minha área de pesquisa), ao lado dos jovens docentes antropólogos: Vanderlan Silva (UFCCG) e Edilma do Nascimento Silva (UNIVASF). Este evento, ao lado dos demais realizados por iniciativa da atual gestão da ABA, coincidiu com o momento de criação da maioria dos novos programas de pós-graduação de antropologia no Brasil no século XXI. Desse modo, esta ação voltada para conhecer este momento da antropologia no Brasil, pareceu um importante passo da ABA de aproximação a esses coletivos de pesquisadores que contribuíram e continuam contribuindo para expandir a antropologia brasileira.

Com a publicação deste livro, a ABA oferece às sócias e aos sócios um panorama do trabalho de um conjunto de antropólogas e antropólogos que precederam este momento e contribuíram para estudar, em décadas passadas, a diversidade desse imenso país por meio das suas pesquisas.

Assumi a tarefa de participar desse exercício de memória da antropologia na Paraíba, por ser a decana do PPGA e por ter desfrutado do convívio de antropólogas e antropólogos que atuaram na Universidade Federal da Paraíba, a partir das últimas décadas do século passado. Vou me reportar aos períodos de 1985 até 1991, no Campus II (Campina Grande) e de 1991 até 2016, no Campus I (João Pessoa), quando me aposentei, embora tenha continuado colaborando de forma voluntária com o PPGA-UFPB até o presente.

Assim, o percurso da memória da antropologia na Paraíba se baseia na minha própria vivência no âmbito da Universidade Federal da Paraíba, começando com minha chegada à UFPB no Campus Campina Grande, quando me juntei ao grupo de docentes que me antecederam lá, a maioria já não está mais em atividade e alguns já faleceram. Por ter trabalhado por cinco anos em Campina Grande, onde mais tarde foi implantada a sede da Universidade Federal de Campina Grande, tratarei de forma breve esse período em que atuei lá e deixarei para o leitor a apresentação de Vanderlan, que, de forma muito fiel e brilhante, expôs sobre esse segmento da antropologia paraibana.

Sem a intenção de preencher a lacuna da memória da produção antropológica na Paraíba, busquei apresentar um esboço da composição do corpo docente por meio da memória pessoal, auxiliada por um levantamento da sua produção bibliográfica, com a ajuda de consultas à plataforma Lattes. As referências bibliográficas dos docentes mediante títulos de artigos, livros e capítulos de livros revelaram as temáticas mais investigadas pelos docentes, assim como os grupos sociais pesquisados por eles. Esses docentes investiram em novos campos da antropologia com pesquisas pioneiras, e contribuíram para construir um conhecimento sobre a diversidade cultural presente na Paraíba.

A antropologia em Campina Grande (1985–1991)

Em minha chegada a Campina Grande, deparei-me com uma área de antropologia com docentes com excelente formação antropológica, várias

colegas fizeram no Museu Nacional/UFRJ (Josefa Salete, Cristina Marin, Regina Novaes), enquanto outros eram oriundos de formações em instituições de renome como a UnB, Antônio Greco Rodrigues e Gilda de Castro Rodrigues, Giselia Potengy, além de Márcio Caniello que ingressou no mesmo ano que eu no Departamento de Sociologia e Antropologia, assim denominado na época. Diante da formação sólida dos meus colegas, coloquei-me na posição de desfrutar de trocas de programas de disciplinas da área de antropologia da grade curricular do curso de Graduação em Ciências Sociais, de modo que pude aprimorar minhas atividades de ensino de antropologia.

Não poderia deixar de me remeter à professora Ruth Trindade de Almeida, a mais antiga na área de antropologia na época, que foi uma referência importante na arqueologia nordestina e uma pioneira nas pesquisas sobre a arte rupestre na Paraíba, tendo feito levantamento dos sítios rupestres na região do Cariri (Almeida, 1979) e do brejo paraibano. Suas pesquisas, desde o início da década de 1970, causaram espanto na população local, por ser uma mulher pesquisadora que se embrenhava pela caatinga em busca de sítios de pinturas rupestres. Fui moradora da cidade em minha infância e adolescência, e ouvi sobre as excentricidades de D. Ruth e a admiração que despertava pelo seu trabalho. Seu legado foi apreciado pelo colega arqueólogo do PPGA, Carlos Xavier Azevedo Netto, em artigo (2020).

Quero registrar aqui minha dívida para com o colega Antônio Greco, que atuava na área da antropologia médica e era pesquisador de plantas medicinais, gostava de dar aulas de antropologia no Curso de Medicina, e se ofereceu gentilmente para preparar minha carta de apresentação como sócia da ABA no ano de 1987.

O trabalho pioneiro de Salete Cavalcanti sobre a comunidade quilombola do Talhado (Cavalcanti, 1975) foi uma referência de grande importância para a pesquisa de mestrado em sociologia rural da UFCG de José Vandilo dos Santos (1998) que orientei. Em 2022, ele realizou estágio de pós-doutorado no PPGA, sob minha supervisão, em que revisitou o trabalho de Salete ao retornar à comunidade 25 anos depois a fim de analisar

as transformações vividas por ela, após o reconhecimento como território quilombola. Na oportunidade, publicou uma versão revisada da sua dissertação, acrescida de um novo capítulo do cenário atual da comunidade (Santos, 2023). A pesquisa de Vandilo contribuiu para o reconhecimento da parte urbana do território do Talhado, situada em um bairro do município de Santa Luzia-PB.

A vivência junto aos estudantes do Curso de Ciências Sociais foi muito prazerosa e estimulante, já que eram muito bons leitores das obras de referência das ciências sociais e ativos participantes nos debates. Consegui formar um grupo para pesquisar a famosa feira livre de Campina Grande, e pude visitar recentemente este trabalho por meio da publicação revisada de artigo oriundo dela (Andrade, 2020). Vários estudantes com quem convivi lá são colegas docentes com quem tenho contato até hoje. Uma iniciativa que marcou a trajetória desse curso de graduação foi a iniciativa dos professores Marcio Caniello, muito jovem na época, com o apoio de Josefa Salete Cavalcanti para elaborar o projeto que concorreu ao edital de chamada do Programa de Educação Tutorial (PET) em 1987 (programa institucionalizado neste ano), atualmente denominado Programa de Treinamento Especial. Tive a satisfação de participar de algumas atividades do PET Antropologia na época em que Salete Cavalcanti foi a tutora, como seleções de bolsistas e uma viagem com os bolsistas para Recife para visitas ao PET de Sociologia da UFPE e ao Museu do Homem do Nordeste. Algumas críticas a este programa puderam ser constatadas na prática, uma vez que ele operava de modo a criar uma elite estudantil com futuro assegurado, em detrimento da formação dos demais alunos. Por ter acompanhado o crescimento acadêmico dos bolsistas PET que fizeram disciplinas comigo, eu me deparei com bolsistas com atitude de superioridade perante o restante da classe. Contudo, ao longo do tempo, o PET revelou-se um instrumento valioso e estimulante para o conjunto dos alunos do curso, aumentando a motivação e o interesse pela antropologia. De fato, vários bolsistas PET se tornaram professores da UFCG e de outras universidades; um dos primeiros foi Rogério Humberto Zeferino, de cuja seleção participei, e que mais

tarde se tornaria tutor do PET Antropologia. Um artigo sobre a criação do PET e sua trajetória foi produzido por alguns colegas mais jovens que atuaram como tutores, entre os quais Vanderlan (Lima; Caniello; Silva, 2020), confirmando o legado desse programa para o fortalecimento da antropologia na Paraíba.

Para finalizar, devo registrar a iniciativa de Rita de Cássia Santos e Mércia Rejane Batista na organização do dossiê “Antropologia no Nordeste: invisibilidade e gênero” na *Revista Raízes* (2020), que reuniu vários artigos sobre a produção da antropologia na Paraíba, incluindo um artigo sobre o PET antropologia da UFCG já citado. Vale destacar, ainda, o artigo de Candice Vidal e Souza (2020), oriundo de pesquisa sobre a carreira de antropólogas no Nordeste. Em seguida, eu continuo este percurso de memória para o segmento da antropologia em João Pessoa – o espaço acadêmico no qual atuei nos últimos 35 anos.

A antropologia em João Pessoa-Paraíba (1991-2024)

Ao chegar ao campus I de João Pessoa em 1991, deparei-me com uma área de antropologia mais dispersa e com menos visibilidade, já que não se tinha instituído ainda uma área de antropologia que gerisse a demanda de disciplinas dessa área, nem que tratasse de outros interesses desse coletivo, como a que participei em Campina Grande. Essa situação se devia à oferta muito limitada e pouco variada de disciplinas da área de antropologia no campus de João Pessoa, que se poderia atribuir à ausência de um curso de graduação em Ciências Sociais. Somente anos depois de minha chegada, ele foi criado; porém, levou algum tempo para se consolidar, diferentemente do curso similar de Campina Grande, que encontrei muito bem estruturado.

Passo a apresentar as antropólogas e os antropólogos que já estavam atuando quando cheguei, de modo que utilizo o mesmo critério que adotei no campus de Campina Grande, deixando de abordar aquelas(es) que chegaram depois de mim, e que são responsáveis pelo desenvolvimento de uma antropologia que já se estrutura em um contexto muito mais sólido, com

maior apoio institucional e maior visibilidade na universidade. Deixo esta memória recente da antropologia em João Pessoa, no contexto do PPGA sobre a geração mais jovem de antropólogas e antropólogos para apresentação de Edilma, que foi uma aluna que se destacou por sua trajetória desde sua graduação na UFPB.

Começo por apresentar o antropólogo mais antigo que encontrei no Departamento de Ciências Sociais, que se aposentou primeiro. Frans Moonen (1944-2013), de origem holandesa, faleceu em Recife em 30 de junho de 2013 e deixou um legado para antropologia na Paraíba, sobretudo por meio de suas pesquisas junto ao povo Potiguara na Paraíba, as quais resultaram em alguns livros que se encontram disponíveis na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú: línguas e culturas indígenas sul-americanas. Em *Pindorama Conquistada: repensando a questão indígena no Brasil*, Moonen (1983) construiu uma longa narrativa sobre o drama histórico sofrido pelo povo Potiguara do século XVI aos anos 1980, e analisou os problemas contemporâneos desse povo sob a perspectiva das perdas do seu território, e da atuação das instituições como a Funai e os antropólogos. Das pesquisas, ele partiu para apoiar a luta dos Potiguara pela demarcação de suas terras, daí ter construído uma reflexão em torno da perspectiva de uma antropologia da ação, que o levou a publicar o título *Antropologia Aplicada* (1988).

No acompanhamento das lutas dos Potiguara pela demarcação e homologação de suas terras, Moonen se aproximou do Procurador Federal Luciano Maia, cuja colaboração da Procuradoria da República na Paraíba motivou a organização de mais um título sobre os Potiguara, *Etnohistória dos índios Potiguara* (1992), que teve como motivação maior publicar documentos e relatórios considerados importantes instrumentos para a luta dos Potiguara por direitos indígenas. Pudemos encontrar outros livros de Moonen nas publicações da Procuradoria da República na Paraíba. Seus últimos escritos revelam uma decepção pelos estudos acerca dos indígenas, visto que adotou uma veia sarcástica. Em *Ensaio Indigenistas* (1993), Moonen criticou entidades e organizações que assumiam a defesa de povos

indígenas mas que, para isso, recebiam dinheiro estrangeiro, as quais ele chamou de “gigolôs de índio”. Se de um lado, ele reconheceu a necessidade de avanços na política indigenista; do outro, denunciou a falta de ações mais efetivas por parte da Funai para garantir as terras dos Potiguara, que teriam perdido boa parte delas pela atuação deste órgão, que aprovou a liberação das terras Potiguara para ocupação de casas de veraneio e para o plantio de cana de açúcar destinado à produção sucroalcooleira (Moonen, 1980). O plantio de cana-de-açúcar nas terras demarcadas tornou-se um problema que gerou, bem mais tarde, uma ação do Ministério Público contra essa atividade, com multas elevadas, que foi examinada por uma tese que orientei (Costa, 2019). No final de sua trajetória acadêmica na UFPB, Moonen encerrou suas pesquisas com os Potiguara e iniciou pesquisas com os ciganos da Paraíba, como veremos mais adiante.

Devo registrar, ainda, que ele teve um papel importante na criação do curso de bacharelado em Ciências Sociais do campus de João Pessoa, e foi o primeiro coordenador desse curso. Por outro lado, devemos a ele a criação da revista *Cadernos Paraibanos de Antropologia e Sociologia*, que foi o primeiro espaço de divulgação das pesquisas antropológicas da Paraíba, com artigos de colegas como Simone Maldonado, escritos por ele próprio, e meus. Infelizmente, essa revista foi interrompida com a aposentadoria de Moonen após meia dúzia de números por curto período, entre 1986 e os primeiros anos de 1990.

Ele se interessou pelo estudo do povo cigano que vive no sertão da Paraíba, após se perceber a ausência de estudos antropológicos sobre os ciganos Calon do Nordeste, em especial da Paraíba; ao mesmo tempo, constatou a ausência de organização política e de políticas públicas para esse grupo étnico. Suas publicações, *Anticiganismo e políticas ciganas na Europa e no Brasil* (1994) e *Políticas ciganas no Brasil e na Europa: subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil* (2012), revelam que os estudos sobre os ciganos Calon entram para a memória da antropologia na Paraíba pelas mãos de Moonen. Os estudos ciganos ganharam uma grande renovação com as pesquisas das colegas da UFPB e UFCG, Patrícia

Goldfarb e Mércia Rejane Batista e, mais recentemente, com Edilma Silva (UNIVASF), que atualmente responde pelas políticas para o povo cigano da Secretaria de Políticas e Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR).

Vou fazer breves registros da presença de dois antropólogos, cujos vínculos com a UFPB foram interrompidos para ingressarem em seguida em outras instituições. O primeiro, José Maria Tavares de Andrade, manteve seu vínculo no período de 1979 a 1999, com formação de mestrado na Bélgica, tendo publicado sua dissertação no México (Andrade, 1973) e seu doutorado na França (Universidade Paris III, a mesma da minha formação), em que investiu em pesquisas sobre a religiosidade popular envolvendo a relação entre antropologia e linguística (Andrade, 2013). Na UFPB, inseriu-se na antropologia da saúde ao se dedicar ao estudo das plantas medicinais, articulando-se com pesquisadores da área de Farmácia da UFPB, e publicou vários artigos no Brasil e no exterior (Andrade, 1989, 1993, 1997, 1998). Após a saída da UFPB, ele foi para Universidade de Estrasburgo-França, onde continuou as pesquisas nos dois campos, seja da antropologia da religião e linguística e da antropologia da saúde ou médica. Pude desfrutar da presença desse colega em 2013, quando veio a UFPB divulgar seu livro recém-publicado sobre narrativas de santos de devoção da Zona da Mata e do sertão nordestino (Andrade, 2013); das nossas conversas, surgiu a iniciativa de preparar uma resenha do seu livro (Andrade, 2014).

O segundo foi Theophilos Rifiotis que ingressou na UFPB em 1985 e permaneceu até 1995, tendo em seguida ido para UFSC. Neste período, pudemos conhecer suas pesquisas de mestrado na França sobre os Makonde de Moçambique, e mais tarde sua tese de doutorado na USP sobre esse mesmo povo (Rifiotis, 1994a, 1994b). Esta pesquisa gerou publicações no período em que esteve na UFPB (Rifiotis, 1994a, 1994b, 1995), entre as quais destaquei duas, sendo uma na *Política & Trabalho* (revista do PPGS/UFPB). Uma das suas iniciativas que contribuiu para dar visibilidade às pesquisas em antropologia e ao diálogo com outras pesquisas de colegas do Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, foi a criação de um espaço de debate de encontros mensais denominados Antropólogos e Afins. Ele teve um papel

crucial ao lado de Mauro Koury, de quem falarei mais tarde, na organização da IV Reunião Brasileira de Antropologia do Norte e Nordeste (ABANNE) em 1987, em João Pessoa, a qual, sem dúvida, teve uma grande repercussão nacional, atraindo um grande número de participantes não só das regiões Norte e Nordeste, mas de todo país. Apesar desse evento ter permitido divulgar as pesquisas antropológicas na Paraíba, a área de antropologia permaneceu minoritária, com alguma participação na pós-graduação, que, na época, se limitava ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais com ênfase nas linhas de política e trabalho. Da parceria entre Theophilus, Mauro Koury e Jacob Carlos Lima surgiu uma publicação organizada por eles que traz o diálogo entre a sociologia e a antropologia (1996).

Em seguida, trago a memória da antropologia sobre a contribuição de duas antropólogas, começando por Simone Carneiro Maldonado, colega e amiga muito querida, que carrega o pioneirismo dos estudos sobre os pescadores marítimos no Nordeste, e constrói um campo de pesquisa definido por ela como antropologia marítima. Fui coautora em um artigo publicado no dossiê já citado da revista *Raízes* sobre o legado de Simone Maldonado para a antropologia da pesca (Andrade; Silva; Miller, 2020), de modo que farei aqui alguns registros do que apresentamos no citado artigo. Suas pesquisas de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UnB (Dantas, 1979; Maldonado, 1991) revelaram sua sagacidade para desvendar questões acerca dos pescadores pouco exploradas no Brasil e no Nordeste. Sua inserção como pesquisadora mulher no mundo da pesca marítima, caracterizado à época como exclusivamente masculino, fez parte da sua reflexão no fazer etnografia do campo marítimo em terra, já que era vetado às mulheres embarcarem para as jornadas de pesca marítima. Se, no início, ela se interessou pelos hábitos alimentares dos pescadores, investiu mais tarde na dimensão do segredo presente na atividade pesqueira, e de que maneira as novas tecnologias introduzidas afetaram o mundo da pesca. Apesar disso, apenas a tese foi publicada sob o título (Maldonado, 1993), que teve como prefaciador Roque Laraia. *Mestres & mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. Resta uma dívida em

relação à publicação de sua dissertação de mestrado que poderia ensejar a renovação dos estudos no âmbito da alimentação de pescadores.



Figura 1. Simone Carneiro Maldonado no seu aniversário de 74 anos.

Fonte: Maura Maldonado, 2019.

Orientou muitos mestrandos e doutorandos no PPGS, que são atualmente colegas da UFPB e de outras universidades, como Luciana Chianca e Ednalva Maciel, tendo começado a expandir seu campo de pesquisa para outras atividades com as transformações nas áreas litorâneas que afetavam a vida dos pescadores. Com o crescimento do turismo litorâneo e o surgimento das áreas de proteção ambiental em espaços litorâneos, em que passaram a vigorar restrições às atividades pelas legislações ambientais, que ela acompanhou em dissertações que orientou, a exemplo das pesquisas pioneiras sobre o turismo nas praias da Pipa/RN e de Jericoacoara/CE. Esta expansão em suas pesquisas foi fortalecida com a realização de estágio pós-doutoral sob a supervisão de Antônio Carlos Diegues no Núcleo de Apoio a Pesquisas com Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras

(NUPAUB), na USP, tendo contribuído em publicações organizadas por este pesquisador (Maldonado, 2000). Ela persistiu na antropologia da pesca depois de 2010, tendo escrito um último texto em que analisou os coletivos pesqueiros marítimos e o uso dos seus instrumentos em territórios do mar (Maldonado, 2011). Suas incursões na dimensão do segredo no mundo da pesca a levou a investir na tradução de textos de Simmel sobre o segredo que foram reunidos e publicadas em livro (Maldonado, 2012). Após a aposentadoria, Simone continuou participando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da UFPB e contribuiu para a criação do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR), ao lado de colegas da área de antropologia e liderada por Neide Miele da área de sociologia.

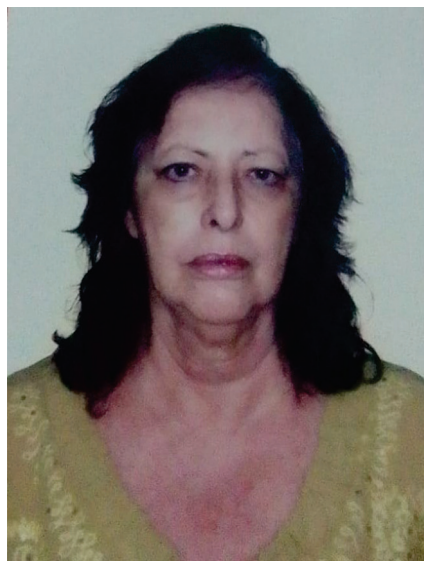


Figura 2. Maria Otília Telles Storni

Fonte: Maria Otília Telles Storni 2018.

A outra colega antropóloga, com quem desfrutei também de uma relação de amizade foi Maria Otília Storni, que ingressou na UFPB em 1980. Sua atuação acadêmica se deu em duas frentes principais, estudos sobre

antropologia, comunicação e consumo (Storni, 2001; Storni, 2015) e estudos indígenas no âmbito dos saberes das plantas e dos processos de cura. Participou de pesquisa financiada pelo CNPq/Fapesq com colegas da área de saúde do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) da UFPB, que resultou em várias publicações (Aguiar; Storni, 2008; Medeiros; Storni, 2010; Storni, 2011). Ambas as linhas de pesquisas foram se inserindo no campo das religiões, de um lado os estudos do consumo e comunicação abriram espaço para pesquisas sobre as ofertas religiosas como prática de consumo, assim como a inserção da igreja nos espaços midiáticos (Storni, 2010); do outro lado, a pesquisa sobre os saberes indígenas em relação às plantas se articulou com a dimensão da espiritualidade e da relação entre cura e fé. No PPGCR, ela teve uma atuação intensa, com muitos orientandos e muitas publicações conjuntas, podemos citar livros e artigos das duas áreas de pesquisa (Storni; Sena, 2012; Storni; Sousa; Ramos, 2015), resultando em várias publicações em coautoria com orientandos e ex-orientandos (Storni, 2005; Silva; Storni, 2007; Muniz *et al.*, 2010; Storni, Estima 2010; Storni, Nascimento, 2012). Prolongou sua atividade acadêmica ao máximo, demonstrando a se aposentar, mesmo contando com tempo para isso. Ela sempre manifestou sua satisfação com o trabalho acadêmico, e gostava de se cercar de estudantes e de ter muitos orientandos da graduação, além dos muitos de mestrado e doutorado. Ela enfatizou sua satisfação com o trabalho acadêmico, em seus depoimentos à pesquisa de Candice sobre as antropólogas docentes no Nordeste (Souza, 2020).



Figura 3. Mauro Koury na VI REA Salvador ao lado do seu orientando Jesus Marmanillo.

Fonte: Jesus Marmanillo, 2019.

Mauro Koury, em sua longa trajetória de mais de 40 anos na UFPB entre 1979 e 2020, tendo depois da aposentadoria continuado como professor voluntário até 29 de agosto de 2021, quando faleceu em decorrência da Covid-19, deixou uma produção antropológica extensa, que se agrupa em torno de três campos específicos: da antropologia visual, da antropologia e sociologia das emoções, e o da antropologia urbana. Na verdade, Mauro buscou um diálogo entre os dois primeiros campos desde que começou a pesquisar o luto e a fotografia (Koury, 2003). Neste período, ele transitou entre as áreas da sociologia e da antropologia, embora no departamento tenha permanecido por mais tempo vinculado à área de sociologia. Porém, seus vínculos com estudos antropológicos surgem já no final da década de 1980, quando iniciou suas pesquisas pioneiras no campo da antropologia visual, tendo tomado a iniciativa de coordenar o GT antropologia visual na IV Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste – ABANNE, em 1987. Dez anos mais tarde, ele publicou *Imagens & Ciências Sociais* (1998), que abriria um campo para dezenas de publicações sobre o tema da

antropologia visual (Koury 1998; 2003; 2013). Seus estudos enveredaram ainda pelo campo da antropologia urbana com foco nos bairros periféricos de João Pessoa, e a relação com o medo (Koury, 2005, 2011, 2014), em que denota a articulação dos estudos de imagem e da cidade, com os estudos das emoções. A criação dos grupos de pesquisa em Estudos da Imagem (GREI) e mais tarde o Grupo de Estudos em Antropologia e Sociologia das Emoções (GREM), que terminou por serem fundidos, originou um espaço de interação importante com muitos estudantes, assim como de diálogo com pesquisadores do Brasil e de outros países. A criação da revista do GREM, a *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, em 2002, constituiu um espaço importante de divulgação da produção neste campo, em que investiu em muitas traduções que permitiam o acesso e a aproximação de obras importantes do campo das emoções. Após sua morte, colegas escreveram artigos, como Neves (2022) sobre a sua contribuição para os estudos do luto e da morte, e um grupo de ex-orientandos escreveu um livro como homenagem póstuma com reflexões sobre a contribuição de Mauro Koury para o estudo das emoções (Cavalcante *et al.*, 2023).



Figura 4. Maristela Andrade e Roberta Campos (PPGAS/UFPE) em banca de Mirella Braga.

Fonte: Mirella de Almeida Braga, 2016.

Antes de finalizar, vou apresentar brevemente minha própria atuação na antropologia e em áreas afins na Paraíba. Se em Campina Grande havia um ambiente mais propício ao desenvolvimento de pesquisas com maior aderência à antropologia, em João Pessoa integrei inicialmente o mestrado em Ciências Sociais, mas não fui muito longe. Em 1996, passei a integrar o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema), onde permaneci até 2022. O formato de pós-graduação em rede do Prodema e sua proposta de formação interdisciplinar marcou muito minha trajetória; assim, eu me inseri no campo das populações tradicionais e das relações com território e áreas protegidas, que atraiu muitos orientandos de mestrado e doutorado que geraram a produção de muitos artigos em coautorias sobre esta temática (Costa; Andrade; Gonçalves, 2022; Ordonez; Andrade; Cruz, 2018; Santos; Martinez-Torres, Andrade, 2022). Paralelamente, integrei-me ao grupo de estudos em religião que deu origem ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, em 2006, e participei da criação e editoração dos primeiros números da revista *Religare*, ligada até hoje ao PPGCR. Permaneci lá até 2010, investindo em estudos sobre movimentos religiosos contemporâneos, com orientações de mestrado. Em seguida, surgiu finalmente a oportunidade de criar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia (aprovado pela Capes em 2011), quando os docentes de antropologia do Campus I (João Pessoa) e do Campus IV (Rio Tinto) começaram a se reunir a fim de juntos construir um espaço institucional mais sólido para o desenvolvimento da antropologia na Paraíba. Pude juntar o interesse pelas populações tradicionais e pelos povos indígenas na Paraíba, frente a processos identitários e conflitos socioambientais e territoriais, publicando artigos em parceria com orientandos do PPGA (Feitosa; Andrade, 2020; Barbosa; Mendonça; Andrade, 2021; Andrade; Martinez-Torres; Soares, 2023). Em 2012, com colegas do Prodema e do PPGA, criamos o Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Sociedade e Ambiente, atualmente coordenado por Alicia Gonçalves. As pesquisas do Gipsa e seus parceiros têm sido divulgadas em artigos (Andrade *et al.*, 2015), coletâneas, entre as quais citamos as últimas (Gonçalves; Andrade;

Romero, 2019; Gonçalves *et al.*, 2021). Com este grupo e seus parceiros, pudemos avançar alguns passos nos estudos das relações entre populações tradicionais com áreas protegidas e as pressões dos empreendimentos públicos e privados sobre esses grupos no contexto da Paraíba, com ênfase sobre o povo Potiguara, que continua em luta por suas terras.

Considerações finais

Considerando a perspectiva tomada aqui de realizar um percurso da memória da antropologia na Paraíba a partir de uma experiência pessoal no âmbito das atividades acadêmicas nos campi de Campina Grande e João Pessoa da UFPB, pude apresentar um fragmento da produção desses colegas com a intenção de expressar os campos de estudo escolhidos por eles. Desta aproximação, pude atestar que nossas antropólogas e nossos antropólogos foram responsáveis por iniciarem ou produzirem um interessante avanço nos conhecimentos sobre povos indígenas, pescadores artesanais, quilombolas e ciganos na Paraíba. Alguns se envolveram com as pesquisas sobre os novos fenômenos no campo religioso ou as tradições relativas ao conhecimento das plantas e a medicina popular. Foi dada relevância ao papel pioneiro de alguns que abordaram, de forma inovadora, novos campos de pesquisa, tais como a antropologia marítima, visual, do consumo e das emoções.

Este esforço, embora limitado, demonstra o interesse de celebrar os resultados dessa antropologia que não conseguiu ter a mesma visibilidade que as pesquisas antropológicas mais recentes das antropólogas e dos antropólogos que sucederam os que acabamos de apresentar. As gerações mais jovens levaram adiante, com muita competência, o propósito de continuar expandindo a antropologia na Paraíba; por isso, podemos aguardar novas iniciativas que tragam capítulos mais recentes da memória da antropologia na Paraíba.

Referências

- AGUIAR, F.B.; STORNI, M.O.T. (orgs) *O Saber Potiguara em Plantas medicinais*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2008.
- ALMEIDA, R. T. de. *A arte rupestre nos Cariris Velhos*. João Pessoa: Universitária; UFPB, 1979.
- ANDRADE, J. M. T. *Approche Anthorologique de Religiosite Populaire Au Bresil*. MEXICO: CIDOC (I.Illiche), 1973.
- ANDRADE, J. M. T. Presupuestos teóricos en las relaciones entre Medicina Tradicional Y Medicina Oficial. In: ANDRADE, J. M. T.; ROERSCH, C. (org.). *La Medicina Tradicional em Sistemas Formales de Salud*. PERU: CMA, 1989. p. 147-176.
- ANDRADE, J. M. T. *Campo religioso & Ecumenismo*. Salvador: CESE, 1992.
- ANDRADE, J. M. T. *Medicina Tradicional 500 años después*. Santo Domingo: IMD/Bùho, 1993.
- ANDRADE, J. M. T. Le corps complexe: Espinhela au Brésil. In: MÉCHIN, C. et al. (org.). *Usages culturels du corps*. V. 1. Paris: L'Harmattan, 1997. p. 219-242.
- ANDRADE, J. M. T. Sens d'un corps mythique au Brésil. In: MÉCHIN, C. et al. (org.). *Antropologie du sensorial*. V. 1. Paris: l'Harmattan, 1998. p. 61-75.
- ANDRADE, J. M. T. *Mitologia da mata ao sertão*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.
- ANDRADE, M. O. A feira de Campina Grande: tradição e identidade. *Revista Ciências da Sociedade*, v. 4, p. 11-29, 2020.
- ANDRADE, M. O. Mitologia. *Cronos*, v. 15, n. 2, p. 217-220, 2014 (Resenha).
- ANDRADE, M. O.; MACHADO, A. A.; COSTA, I. M.; ESPINOLA, R. S. Território e comunidades étnicas/locais: entre pressões de grandes empreendimentos e o acesso a políticas públicas. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 33, p. 149-162, 2015.
- ANDRADE, M. O.; SILVA, R. E.; MILLER, F. de S. Simone Maldonado e seu legado à antropologia da pesca. *Raízes*, v. 40, n. 2, p. 191-203, 2020.

ANDRADE, M. O.; MARTINEZ-TORRES, M. E. M.; SOARES, C. C. M. B. Educação superior indígena no século XXI: aproximações entre México e Brasil. *Áltera Revista de Antropologia*, v. 15, p. 1-34, 2023.

AZEVEDO NETTO, C. X. Andanças pelo Cariri paraibano: a arqueologia pioneira de Ruth Trindade Almeida. *Raízes*, v. 40, n. 2, p. 175-190, 2020.

BARBOSA, G. A.; MENDONÇA, J. M.; ANDRADE, M. O. Memória ribeirinha em fotografias: lugares de lembrança de atingidos por barragem. In: LONGHI, M. R.; TELLA, M. A. P.; GOLDFARB, M. P. L. (org.). *Antropologias, diversidades e urgências: 10 anos de pesquisa no PPGA/UFPB*. V. 1. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. p. 41-58.

CAVALCANTE, V.; BARBOSA, R.; GUTIERREZ, S.; MARMANILLO, J. *Mauro Koury e estudos sobre emoções*. Mossoró: Ed. UERN, 2023.

CAVALCANTI, J. S. B. *Talhado: um Estudo de Organização Social e Política*. 1975. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1975.

COSTA, I. M. *A gestão participativa em área de sobreposição de unidade de conservação e terra indígena: a situação dos Potiguara na Paraíba*. 2019. 215p. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, 2019.

COSTA, I. M.; ANDRADE, M. O.; GONÇALVES, A. F. Conflictos socioambientales en áreas de conservación y tierras indígenas en el Nordeste brasileño: racionalidades confrontadas. *Desacatos*, v. 70, p. 60-75, 2022.

DANTAS, S. C. *Terra liberta: hábitos alimentares em Ponta de Mato*. 1979. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1979.

FEITOSA, R. C.; ANDRADE, M. O. Lei da compostagem e participação social: Etnografando políticas públicas em Florianópolis. *Iluminuras*, v. 21, p. 504-533, 2020.

GONÇALVES, A. F.; ANDRADE, M. O.; TORRES, M. E. M.; VILLAR FILHO, O. C. (org.). *Relações entre universidades e comunidades: o circuito da dádiva e a sustentabilidade dos territórios*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

GONÇALVES, A. F.; ANDRADE, M. O.; ROMERO, O. H. (org.). *Do desenvolvimento à sustentabilidade: políticas socioambientais e experiências comunitárias*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

KOURY, M. G. P. *Imagens & Ciências Sociais*. João Pessoa: Universitária, 1998.

KOURY, M. G. P. Caixões Infantis Expostos: O Problema dos Sentimentos na Leitura de uma Fotografia. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. M. (org.). *Os Desafios da Imagem*. Campinas: Papirus, 1998a. p. 65-74.

KOURY, M. G. P. Relações Imaginárias: A Fotografia e o Real. In: ACHUTTI, L. E. (org.). *Ensaio sobre o Fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998b. p. 72-79.

KOURY, M. G. P. A fotografia e o luto. *Cadernos de antropologia e imagem* (UERJ), Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 125-133, 2003.

KOURY, M. G. P. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: LEITÃO, C. (org.). *Gestão Cultural – significados e dilemas na contemporaneidade*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003. p. 75-87.

KOURY, M. G. P. Os Medos Corriqueiros e a Constituição da Sociabilidade na Cidade de João Pessoa. In: KOURY, M. G. P. (org.). *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. João Pessoa: Editora Universitária; Edições do GREM, 2005. p. 7-16.

KOURY, M. G. P. Regras e códigos de conduta moral e ética: um passeio pelo imaginário urbano e pelas vivências, reflexões e comparações sobre a noção de sujo de homens comuns de classe média no Brasil Urbano do século XXI. In: FERREIRA, J.; SCRIBANO, A. (org.) *Corpos em concerto: diferenças, desigualdades, desconformidades/Cuerpos em concierto: diferencias, desigualdades y desconformidades*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011. p. 51-80.

KOURY, M. G. P. O objeto fotografia nas ciências sociais no Brasil. In: RIBEIRO, S. (org.). *Fotografia contemporânea: Linguagem e pensamento*. Fortaleza, CE: Banco do Nordeste do Brasil, 2013, v. 5. p. 59-72.

KOURY, M. G. P. Medos, redes de solidariedade e sentimento de pertencimento: os moradores falam do seu bairro. In: BARRETO, M. C. R.; CARVALHO,

G. P. (org.). *Memórias do espaço: identidades e subjetividade*. Mossoró, RN: Edições UERN, 2014. p. 249-274.

KOURY, M. G. P. Medo e sofrimento social no Brasil no primeiro ano do golpe militar de 1964. In: DIÓGENES, O. M.; GONÇALVES, D.; MARQUES, P. R. F. O. (org.). *Ainda 1964: história, política e sensibilidades*. Fortaleza: MALCE; INESP, 2014. p. 171-200.

LIMA, E. C. A.; CANIELLO, M.; SILVA, V. A instituição do Pet-Antropologia na UFCG e o fortalecimento da presença feminina na Antropologia no Nordeste brasileiro. *Raízes*, Campina Grande, v. 40, n. 2, p. 175-190, 2020.

MALDONADO, S. C. *Pescadores do Mar*. São Paulo: Ática. 1986.

MALDONADO, S. C. Antropologia Marítima: comunicação e cultura. *Cadernos paraibanos de antropologia e sociologia*, v. 4, p. 267-279, 1988.

MALDONADO, S. C. *Em dois meios, em dois mundos: a experiência pesqueira marítima*. 1991. 202p. Tese (Doutorado Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social), Universidade de Brasília, Brasília, 1991.

MALDONADO, S. C. *Mestres & mares: espaço e indivisão na pesca marítima*. São Paulo: AnnaBlume, 1993.

MALDONADO, S. C. No mar: conhecimento e produção. In: DIEGUES, A. C. (org.). *A imagem das águas*. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 95-100.

MALDONADO, S.C. Botes e tripulações de iguais: ideários e instrumentos de trabalho na pesca marítima. In: CORADINNI, L.; MILLER, F.S. (orgs.) *Imagem e meio ambiente: Debates Atuais*. Natal: Edufurn, 2011. p. 203-215.

MALDONADO, S. C. *Georg Simmel: sentido, segredo*. Curitiba: Appris, 2012.

MEDEIROS, A. L.; STORNI, M.O. Tradições e fitoterapia: saberes que integram. In: SÁ, L. D.; FIGUEIREDO, R. P. (org.). *A formação em saúde da família e o programa de interiorização do trabalho em saúde na Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária, 2010. p. 207-230.

MOONEN, F. *Pindorama Conquistada: repensando a questão indígena no Brasil*. João Pessoa: Editora Alternativa, 1983.

MOONEN, F. *Antropologia Aplicada*. São Paulo: Ática, 1988.

MOONEN, F. Ensaio indigenista. Procuradoria da República da Paraíba. *Ensaio avulsos*, v. 3, [s. p.], 1993.

MOONEN, F. Anticiganismo os ciganos na Europa e no Brasil. *Cadernos de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 32, [s. p.], 1994.

MOONEN, F. *Políticas ciganas no Brasil e na Europa*: subsídios para encontros e congressos ciganos no Brasil. Recife: [S. n.], 2012.

MOONEN, F.; MAIA, L. M. *Etnohistória dos índios Potiguara*. João Pessoa: Procuradoria da República; Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, 1992.

MUNIZ, C. C.; SÁ, L. D.; DIAS, M. D.; LOPES, A. M. C.; STORNI, M. O. Elementos Associados ao processo de fé e cura. In: NÓBREGA, M. M. L.; SILVA, A. O. (org.). *Saúde & Realidade*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010. p. 67-78.

NEVES, E. M. Sobre luto e dor, emoções e pandemia: encontros com o pensamento de Mauro Koury. *CAOS*, v. 1, n. 28, p. 130-141, 2022.

ORDONEZ, L. L.; ANDRADE, M. O. CRUZ, D. D. Ecosystem services and use of Afro-descendant land in the Colombian North Pacific: Transformations in the traditional production system. *Land Use Policy*, v. 73, p. 1-11, 2018.

RIFIOTIS, T. *Aldeias de jovens*: a passagem do mundo do parentesco ao universo da política em sociedades banto-falantes. Abordagem socioantropológica da dinâmica dos grupos etários através da literatura oral. 1994. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, 1994a.

RIFIOTIS, T. A escultura atual dos Makonde de Moçambique como uma visão do mundo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 153-166, 1994b.

RIFIOTIS, T. Grupos etários e conflitos de gerações: bases antropológicas para um diálogo interdisciplinar. *Política & Trabalho*, n. 11, p. 105-123, 1995.

RIFIOTIS, T.; LIMA J. C. *Cultura e Subjetividade*. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

SANTOS, J. V. *Quilombolas do Talhado*: identidade e fronteiras étnicas no Vale do Sabugi-PB. Campina Grande: EDUEPB, 2023.

SANTOS, J. V.; MARTÍNEZ-TORRES, M. E.; ANDRADE, M. O. Beyond the Nature-Culture Frontier: Sea Urchin Festivals in French and Brazilian Communities. *Journal of Festive Studies*, v. 3, p. 151-176, 2021.

SANTOS, R. C. M.; BATISTA, M. R. A institucionalização da antropologia no Nordeste: embates entre gênero e região. *Raízes*, v. 40, n. 2, p. 119-122, 2020.

SILVA, M. S. A.; STORNI, M. O. T. O efeito da espiritualidade no tratamento de saúde da terceira idade. *Religare*, v. 1, p. 67-76, 2007.

SOUZA, C. V. Carreiras femininas na antropologia desde os anos 1960: reflexões sobre trajetórias de professoras em universidades do Nordeste. *Raízes*, v. 40, n. 2, p. 138-158, 2020.

STORNI, M. O. T. A linguagem interativa na TV: o programa Você Decide. *Conceitos*, João Pessoa, v. 4, n. 6, p. 83-98, 2001.

STORNI, M. O. T. O toré, as plantas sagradas e as novas fronteiras da identidade étnica Potiguara. In: CAVALCANTI, C. A.; CAVALCANTI, A. P. (org.). *O que se pode ver nas religiões*. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. p. 249-262.

STORNI, M. O. T. *Cultura e Massificação: reflexões antropológicas*. João Pessoa: Ideia Editora, 2015.

STORNI, M. O. T.; ESTIMA, L. L. A religião como produto de consumo: reflexões. *CAOS. Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, v. 15, p. 15-28, 2010.

STORNI, M. O. T.; SENA, J. R. F. Poder carismático feminino e a profecia de um novo mundo: inspirações messiânico-milenaristas na revolta dos Muckers, São Leopoldo/RS. *Mal-Estar e Sociedade*, v. 8, p. 167-189, 2012.

STORNI, M. O. T.; SOUSA, A. L. B.; RAMOS, A. M. (org.). *Antropologia e educação: sexualidade na adolescência*. João Pessoa: Ideia Editora, 2015.

STORNI, M. O. T.; NASCIMENTO, R. H. Z.; PEREIRA, M. (org.). *Esta terra é minha: questões indígenas e de religiosidade*. João Pessoa: Ideia Editora, 2015.